

# EDUCAÇÃO TRANSFORMADORA: UMA JORNADA DE INCLUSÃO PELO INGLÊS EM GOIÁS

Johnatan Willow Dias de Andrade 

Licenciado em Letras-Português/Inglês, graduado em Letras-francês. Professor no Programa Goiás English -CEPI Irmã Gabriela, Goiânia-GO/SEDUC-GO  
E-mail: johnatanandrade@hotmail.com

## Revista Educação em Contexto

Secretaria de Estado da Educação  
de Goiás - SEDUC-GO

ISSN 2764-8982

Periodicidade: Semestral.

v. 5 n. 1, 2026.

educacaoemcontexto@seduc.go.gov.br

Recebido em: 06/10/2025

Aprovado em: 19/06/2026

DOI: <https://doi.org/10.5281/zenodo.20802288>

## Resumo

Este relato de experiência tem como objetivo apresentar um papel transformador da educação como instrumento de inclusão social e atitudinal, por intermédio do ensino da Língua Inglesa em contextos de vulnerabilidade. Metodologicamente, o estudo ampara-se na narrativa (auto)biográfica como dispositivo de pesquisa-formação, conforme os postulados de Isabel Alarcão sobre o professor reflexivo. O objetivo é converter a experiência docente vivida em um objeto rigoroso de escrutínio acadêmico. A análise debruça-se sobre a trajetória de um educador oriundo da periferia de Goiás, desde a aquisição informal do idioma no núcleo familiar até sua atuação profissional. Para o embasamento sociológico, mobiliza-se o arcabouço de Pierre Bourdieu, com ênfase na teoria dos três estados do capital cultural, a fim de descortinar os mecanismos de reprodução das desigualdades escolares e a manifestação da violência simbólica. Os resultados evidenciam que a subversão do habitus linguístico, aliada a uma mediação pedagógica intercultural, possibilita a ressignificação da aprendizagem. O idioma, historicamente operado como marcador de exclusão, passa a atuar como um vetor de pertencimento e justiça social. Conclui-se, portanto, a urgência da aplicação de políticas de acessibilidade atitudinal na educação pública contemporânea.

**Palavras - chave:** Narrativa (Auto)biográfica; Capital Cultural; Pierre Bourdieu; Isabel Alarcão; Língua Inglesa; Inclusão Atitudinal.

## INTRODUÇÃO

### **A Educação Linguística e a Acessibilidade no Século XXI**

A acessibilidade, no escopo das políticas públicas educacionais, exige hoje uma ampliação conceitual. Ela não deve ser circunscrita apenas à remoção de barreiras físicas. Exige-se um olhar para as dimensões socioeconômicas e, sobretudo, para as barreiras atitudinais (Macario, 2016).

Nesse contexto, a proficiência em Língua Inglesa ascendeu a um patamar indispensável. O idioma deixou de ser um artigo de luxo e tornou-se uma necessidade básica de inserção nos mercados globais (Reikdal *et al.*, 2008).

A legislação brasileira, pautada na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), estabeleceu a obrigatoriedade do inglês. O documento orienta que o ensino fomente a competência intercultural, tratando o idioma como uma língua franca.

Contudo, a materialização dessas diretrizes em áreas periféricas esbarra em obstáculos profundos. A prática cotidiana frequentemente diverge da teoria legislativa. A escola, inserida em um tecido social desigual, tende a reproduzir lógicas de exclusão (Ferreira; Santos, 2017).

Para mitigar essa assimetria, a inclusão atitudinal torna-se prioritária. Ela consiste na superação de preconceitos e na valorização das habilidades do sujeito, independentemente de sua origem. Sem essa mudança, a integração do aluno marginalizado permanece meramente cosmética (Anjos, 2024).

Para investigar essa dinâmica, este trabalho apropria-se da narrativa de um professor da rede pública de Goiás. O intuito é teorizar a vivência pessoal sob o rigor metodológico da pesquisa (auto)biográfica, oferecendo substrato para práticas pedagógicas genuinamente inclusivas (Fernandez; Gonçalves, 2023).

### **A Narrativa (Auto)biográfica como Epistemologia e Método**

A utilização de vivências pessoais como fonte primária de investigação acadêmica demanda um alicerce teórico robusto para evitar que o texto resvale em mero anedotário ou exibicionismo passional. A narrativa (auto)biográfica, quando tratada com o devido rigor científico, apresenta uma contribuição epistêmica inestimável para as ciências da educação.

Para embasar esta arquitetura metodológica, recorre-se fundamentalmente à teoria do professor reflexivo, consolidada nos estudos de Isabel Alarcão (2011), que introduz uma racionalidade crítica na formação docente, argumentando que a prática pedagógica não pode ser concebida como uma aplicação mecânica de diretrizes formuladas em gabinetes.

O conceito de professor reflexivo é expandido por Alarcão para contemplar a escola como uma comunidade aprendente. Para a autora, a escola deve ser uma instituição que se pensa, que avalia continuamente seu projeto educativo e que qualifica todos os seus atores através da reflexão colaborativa.

Nesse construto, a narrativa (auto)biográfica atua como um dispositivo central de pesquisa-formação. Ao narrar seu percurso, o educador aciona a memória não como um depósito inerte de fatos, mas como um laboratório vivo onde os sentidos são disputados e reconstruídos.

A (auto)biografia permite a interpretação e a emergência de sentidos pedagógicos do “ser professor”. A metodologia ancora-se no pressuposto de que a identidade docente é forjada de maneira indelével pelas experiências pregressas do indivíduo, muito antes de sua entrada nos cursos de licenciatura.

Os saberes experienciais, os modelos parentais, as vivências de escolarização básica e os eventuais traumas acadêmicos constituem um acervo que o

professor leva consigo para a sala de aula. A escrita reflexiva obriga o sujeito a distanciar-se de sua dor ou de seus sucessos imediatos para analisá-los criticamente à luz de referenciais teóricos.

## **O Capital Cultural e as Engrenagens da Reprodução**

Para diagnosticar as raízes da desigualdade escolar na narrativa aqui proposta, a obra de Pierre Bourdieu é estruturante. O sociólogo desconstruiu o mito da escola neutra, demonstrando como ela atua na conservação das assimetrias sociais.

O núcleo dessa teoria é o conceito de capital cultural. Em sua obra *Os três estados do capital cultural*, Bourdieu (2003) postula que o sucesso acadêmico não deriva de aptidões naturais. Ele decorre da herança cultural transmitida no seio familiar pelas classes dominantes.

Segundo Bourdieu (2003), o capital cultural divide-se em três estados: incorporado, objetivado e institucionalizado. O estado incorporado refere-se às disposições duráveis da mente e do corpo. No ensino de idiomas, ele se traduz no *habitus* da fluência e na adequação do sotaque.

O estado objetivado materializa-se em suportes físicos, como livros, dicionários e acesso a tecnologias. Contudo, Bourdieu (2003) alerta que sua apropriação depende do capital incorporado prévio. Já o estado institucionalizado representa a chancela jurídica, como os certificados de proficiência.

A linguagem e o sucesso escolar estão organicamente ligados à classe de origem. A violência do sistema reside em cobrar de todos os alunos uma competência que a escola não fornece igualmente (Ferreira; Santos, 2017). A comunicação pedagógica consagra as diferenças sociais como deficiências individuais.

No Brasil, o ensino de Língua Inglesa é um exemplo contundente dessa dinâmica. O idioma opera como uma barreira subjetiva e material (Fernandez; Gonçalves, 2023). Decompondo a trajetória do autor nas próximas seções, observaremos o peso dessa reprodução estrutural e as brechas para a resistência pedagógica.

## **Análise (Auto)biográfica**

A narrativa tem seu ponto de partida nas margens da rodovia BR-153, em Goiânia, na favela conhecida como “Quebra Caixote”. A demarcação desse território não é gratuita nem estilístico na pesquisa-formação; ela situa o sujeito em um campo social onde a escassez não é apenas financeira, mas multiforme. Em assentamentos precários e esquecidos pelas políticas afirmativas, o acesso ao repertório cultural hegemônico é sistemicamente bloqueado.

Foi nesse ambiente de restrição aguda que ocorreu uma intervenção improvável. Aos sete anos de idade, o narrador relata seu primeiro contato com a Língua Inglesa por intermédio de sua mãe, Cleusa. Mulher negra, mãe solo e empregada doméstica, Cleusa possuía uma trajetória de escolarização pública incompleta. O cabedal linguístico que ela detinha era, nos dizeres do próprio autor, um “tênuo repertório”.

A análise desse evento sob as lupas de Bourdieu revela uma subversão fascinante da teoria da reprodução. Normalmente, as famílias de baixa renda e escolaridade não logram transmitir o capital cultural dominante, pois estão alienadas dele. Entretanto, ao ensinar o vocabulário e a pronúncia das palavras que recordava enquanto executava o labor doméstico, a mãe executou uma ação pedagógica de profunda envergadura sociológica.

A mãe operou a inculcação de um capital incorporado rudimentar, mas vital. Ao pronunciar as pa-

lavras em inglês e incentivar o filho a treinar e anotar o vocabulário, ela destituiu a língua estrangeira de sua aura de inacessibilidade. Ela instaurou um habitus de curiosidade e reverência ao saber, sinalizando para a criança que o domínio daquele código não estava restrito às classes que os empregavam.

Essa semente atitudinal foi determinante. Ao crescer na periferia de Aparecida de Goiânia e necessitar vender picolés nas ruas após as aulas, o autor deparou-se com o abismo material crônico de sua classe. O labor infantil, contingência dramática da desigualdade brasileira, subtrai o tempo livre que, nas classes dominantes, é preenchido com acúmulo de capital cultural.

Contudo, a rota de vendas cruzava com a Secretaria Municipal de Educação e, mais especificamente, com a biblioteca municipal. Estacionando o carrinho de picolés na porta para refugiar-se nos livros, o jovem autor fez do equipamento público sua principal fonte de capital objetivado.

Esse é o momento em que a agência individual colide positivamente com a política pública. Se o sistema operasse na perfeição de sua engrenagem excludente, o destino daquele jovem seria o que o autor classifica como “atroz”. O acervo da biblioteca municipal atuou como um elemento compensatório. Em um estrato social no qual o domínio do inglês atua como capital herdado por poucos, o hábito autodidata da leitura estabeleceu-se como o capital cultural arduamente construído pelo indivíduo.

As horas passadas na biblioteca preencheram as lacunas do estado objetivado e forneceram o léxico e a estrutura cognitiva que permitiriam, anos mais tarde, o avanço acadêmico. A leitura compulsiva funcionou como o lastro intelectual que impediu o completo engessamento de suas potencialidades, criando condições mínimas para o enfrentamento da escolarização formal em níveis superiores.

A transposição das barreiras da periferia e o ingresso no ensino superior, mais especificamente no curso

de Letras, representam um triunfo estatístico. A universidade é o espaço de legitimação por excelência, o local desenhado para o provimento do capital institucionalizado. Contudo, a imersão nesse campo minado revelou facetas insidiosas da hierarquia social.

Durante o período inicial da graduação, o autor sofreu uma experiência de assédio moral severo — um “trauma do inglês” originado por um *bullying* de pelo menos dois alunos da universidade possuidores de capital cultural e financeiro considerável. O autor relata que o trauma sofreu um aprofundamento agudo devido ao receio de pronunciar qualquer sentença em inglês diante de seus próprios colegas de classe. Estes estudantes, oriundos de contextos privilegiados, haviam acumulado proficiência através de cursos dispendiosos e viagens internacionais (simbolizadas pelo estereótipo das férias na Disney).

O comportamento desses pares não era de acolhimento pedagógico, mas de “postura debochada” perante as dificuldades alheias. A análise dessa dinâmica interpessoal exige a aplicação irrestrita do conceito bourdieusiano de *violência simbólica*.

A violência simbólica opera com a cumplicidade de quem a sofre, pois, as categorias de dominação são internalizadas como se fossem a ordem natural das coisas. Ao perceber que o inglês da elite acadêmica era “infinitamente superior”, o autor introjetou a inferioridade. A linguagem, que deveria atuar como uma tecnologia neutra de comunicação, assumiu sua função subjacente de classificador social.

O deboche dos colegas não representava apenas correções gramaticais ou fonéticas. Tratava-se de um movimento de poder para proteger as fronteiras de um território restrito. Ao estigmatizar o esforço do aluno de origem popular, a elite universitária protegia a exclusividade do seu capital incorporado.

O autor descreve essa fase como sendo consumida por uma “xenofobia interna”. A expressão capta com precisão fenomenológica os efeitos deletérios

da opressão sistêmica sobre a saúde mental e o desempenho cognitivo do estudante. A fobia de falar e o medo do julgamento alheio drenaram a energia necessária para a fruição linguística.

A superação desse estado paralisante e o sucesso posterior na obtenção da dupla licenciatura (Português e Inglês) só foram possíveis porque o autor, ao invés de abandonar o campo, mobilizou suas bases de resiliência. O processo de tornar-se professor reflexivo (Alarcão, 2011) exige não esconder o trauma, mas analisá-lo. Ao teorizar sua própria paralisia, o educador compreendeu que a deficiência não residia em seu aparato intelectual, mas na estrutura elitista do meio acadêmico.

Essa conscientização dolorosa forjou a matriz pedagógica que ele levaria, anos depois, para sua própria sala de aula. O trauma ressignificado converteu-se no antídoto contra a reprodução da opressão.

### **A Mediação Docente: Inclusão Atitudinal no CEPI Irmã Gabriela**

O ingresso como professor efetivo na rede pública estadual de Goiás assinalou o apogeu da reconstrução identitária do autor. Ocupar a docência significa transmutar-se de sujeito passivo das políticas educacionais a agente ativo do Estado. No Centro de Ensino em Período Integral (CEPI) Irmã Gabriela, localizado em Goiânia-GO, o professor defrontou-se com uma realidade socioeconômica plural e diversificada, espelhando fielmente os cenários de sua própria juventude periférica.

Alarcão (2007) argumenta que o verdadeiro desenvolvimento profissional docente exige que a experiência vivida seja colocada a serviço da coletividade escolar. O conhecimento estéril da academia deve ceder lugar a um engajamento sensível com a realidade do aprendiz. Munido de uma profunda “empatia estrutural”, o professor compreendeu imediatamente sua missão: atuar não como um repeti-

dor de gramáticas alheias, mas como um mediador cultural focado em desativar o mecanismo de exclusão bourdieusiano.

**Figura 1** – Alunos do CEPI Irmã Gabriela interagindo com o americano.



**Fonte:** Instagram da instituição: @cepi\_irmagabriela

Nessa arena educacional, a Língua Inglesa deixa de ser tratada como um privilégio intransponível e é apresentada como uma ferramenta concreta de emancipação e transformação de vidas. O projeto estadual Go English, do qual o autor tornou-se professor executor, catalisou essa filosofia, viabilizando práticas de acessibilidade inclusiva e ensino intercultural dentro dos muros da escola.

A convergência máxima entre a política pública e a prática mediadora ocorreu em 17 de setembro de 2025. Representantes da SEDUC-GO e do projeto Go English realizaram uma visita oficial à

escola, incluindo em sua comitiva o cidadão norte-americano Jhonatan. A presença corpórea de um “gringo” que desconhecia a língua portuguesa nos pátios de uma escola pública periférica gerou uma comoção pedagógica de proporções imensas.

**Figura 2** – Os alunos questionando o professor para conseguir interagir por conta própria.



**Fonte:** Instagram da instituição:@cepi\_irmagabriela

Os alunos, habitualmente preteridos pelo sistema, demonstraram uma euforia investigativa rara. Eles abandonaram a postura defensiva e arriscaram interagir com o visitante utilizando fragmentos básicos do idioma (“what is your name”, “my name is...”). Para o sociólogo clássico, a assimetria dessa comunicação seria intransponível. Para o professor reflexivo, contudo, esse era o momento propício para a inclusão atitudinal.

## **O Resgate do Pertencimento e a Dissolução da Violência**

Durante todo o evento, debaixo do sol do horário do almoço escolar, o autor operou como uma ponte viva. Ele assumiu simultaneamente os papéis de “cicerone, tradutor, embaixador e mediador cultural”. Os alunos olhavam para o seu professor não em busca da correção engessada, mas como a garantia de que não seriam humilhados ao tentar pertencer àquele mundo globalizado.

O ponto de inflexão na narrativa atinge seu ápice em uma interação direta entre o professor brasileiro e o convidado estrangeiro. Após a mediação, o norte-americano logrou elogiar explicitamente a qualidade do inglês do docente brasileiro. Esse simples ato de reconhecimento de competência destrancou uma comporta psicológica mantida há anos.

Sentindo-se validado por um representante legítimo da cultura que no passado o hostilizara, o autor sentiu-se seguro para narrar ao visitante a história do *bullying* virtual e do trauma universitário que o impediu, por longo tempo, de acessar a fluência do idioma. Ao ouvir a jornada de superação, o estrangeiro validou seu esforço histórico.

Esse fenômeno corporifica, no mais estrito rigor do termo, a *inclusão atitudinal*. A acessibilidade física ou a distribuição de livros pouco importam se o indivíduo continuar sendo julgado sob uma ótica de menosprezo. A inclusão atitudinal exige a destituição deliberada dos preconceitos por parte das instâncias de poder e a validação ativa da existência e do esforço do subalterno.

A atitude do estrangeiro — desprovida de pedantismo imperialista — e a mediação cuidadosa do professor aniquilaram o espectro da violência simbólica. Naquela manhã, a Língua Inglesa no CEPI Irmã Gabriela perdeu o seu *status* de capital objetivado segregador. Ela converteu-se em um artefato tangível, democrático, pelo qual alunos pe-

riféricos enxergaram que têm o direito irrenunciável de dialogar em pé de igualdade com o resto do mundo. Nesta arquitetura da sala de aula reflexiva, o docente em regiões vulnerabilizadas é alçado a uma função infinitamente mais complexa do que a de transmissor de regras sintáticas. Ele é o agente direto da acessibilidade cultural.

### **Considerações Finais e Implicações para a Prática Educativa**

A investigação atenta do percurso (auto)biográfico dissecado neste artigo evidencia que o sistema educacional atua permanentemente em um estado de tensão estrutural. A reprodução das desigualdades, conforme postulado pela sociologia bourdieusiana clássica, constitui a força motriz silenciosa das instituições de ensino. A Língua Inglesa, em especial, tem operado historicamente como um filtro rigoroso, conferindo capital simbólico e financeiro às elites, ao passo que aprofunda a marginalização daqueles desprovidos de herança cultural hegemônica.

A opção epistêmica por tratar este relato através das lentes do professor reflexivo revelou-se indispensável. A memória, despojada da reflexão científica, permanece como um depósito passivo de angústias. A narrativa (auto)biográfica, contudo, quando submetida ao rigor do método fenomenológico e sociológico, transforma o sofrimento pessoal em categoria

de análise e intervenção pedagógica. Foi apenas tomando consciência dos mecanismos opressores que o vitimaram que o educador adquiriu os instrumentos necessários para blindar seus alunos no CEPI Irmã Gabriela contra a repetição dessas agressões.

O episódio prático de interação entre os discentes e o estrangeiro reafirma a centralidade da inclusão atitudinal na arquitetura escolar. Legislações modernas e bases curriculares afirmativas são conquistas estereis se, na ponta da cadeia, o professor não atuar como um validador intercultural e emocional. Superar preconceitos e reconhecer a legitimidade intelectual do aluno da periferia é o que efetivamente rompe a barreira do imperialismo linguístico.

Apesar desse determinismo, a trajetória analisada comprova a viabilidade da resistência. A apropriação dos equipamentos públicos e a superação da violência acadêmica atestam que o habitus de exclusão pode ser subvertido pela agência humana reflexiva.

Em suma, a proficiência em um segundo idioma na escola pública não deve visar a mimese servil de falantes nativos, mas a construção de pontes comunicacionais. A educação, concebida como um ato de empatia estrutural e de justiça distributiva de capitais, cumpre assim sua vocação primária: dotar o indivíduo dos recursos linguísticos e simbólicos necessários para reescrever, com plena autonomia, a sua própria história perante o mundo.

## REFERÊNCIAS

ALARCÃO, I. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. 8. ed. São Paulo: Cortez, 2011.

ANJOS, F. O ensino e a aprendizagem da língua inglesa: uma questão de inclusão e diversidade. **Revista Entre Línguas**, Dourados, v. 10, n. 00, dez. 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.29051/el.v10i00.18822>. Acesso em: 27 set. 2025.

ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE NORMAS TÉCNICAS. **ABNT NBR 10520**: informação e documentação: citações em documentos: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2023.

\_\_\_\_\_. **ABNT NBR 6028**: informação e documentação: resumo, resenha e recensão: apresentação. Rio de Janeiro: ABNT, 2021.

BOURDIEU, P. Os três estados do capital cultural. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Org.). **Escritos de educação**. Petrópolis: Vozes, 2003.

FERNANDEZ, L. S.; GONÇALVES, J. P. O acesso à língua inglesa nas escolas públicas de comunidades periféricas. **Babel: Revista Eletrônica de Línguas e Literaturas Estrangeiras**, Maringá, v. 13, n. e17327, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.4025/babel.v13.e17327>. Acesso em: 27 set. 2025.

FERREIRA, L. B. B. P.; SANTOS, L. B. D. Ensino de língua estrangeira no ensino fundamental da rede pública a partir do conceito de capital cultural e de herança doméstica de Pierre Bourdieu. **Revista Interação Interdisciplinar**, v. 1, n. 1, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.5935/RI2179-4375.20170025>. Acesso em: 27 set. 2025.

MACARIO, R. A acessibilidade como um bem social e um bem econômico: existe necessidade de uma mudança de paradigma? **Ipea boletim regional, urbano e ambiental**, Brasília, n. 14, jun. 2016. Disponível em: [https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/boletim\\_regional/bru14\\_art11.pdf](https://portalantigo.ipea.gov.br/agencia/images/stories/PDFs/boletim_regional/bru14_art11.pdf). Acesso em: 27 set. 2025.

OBSERVATÓRIO DA LÍNGUA FRANCESA. **A implementação do Multilinguismo nas organizações internacionais**: colocar em prática a diversidade linguística. Paris: Éditions Nathan, 2013.

REIKDAL, S. M. *et al.* Inglês: um luxo desnecessário? A percepção da importância do estudo de uma segunda língua em alunos de classes sociais distintas. **Scientia Plena**, São Cristóvão, v. 4, n. 8, p. 1-8, 2008. Disponível em: <http://www.scientiaplena.org.br/sp-v4-n8.pdf>. Acesso em: 27 set. 2025.